

EDITORIAL

Missão entre esperanças, incertezas e oportunidades

Em sua última encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, Francisco aponta caminhos de esperança diante de um mundo sombrio e cheio de incertezas que nos rodeia, porque segundo ele a esperança “nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive”. A esperança é expressão “duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor”. O Papa insiste em afirmar que “a esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55).

Para que a esperança não seja reduzida a puro sentimento e seja verdadeiramente capaz de apontar caminhos arrojados de compromisso, perspectivas de solução e horizontes de sentido, é preciso que seja enraizada na realidade, enxergada à luz de mediações sócio-analíticas e das exigências do Reino de Deus, que questione a atuação missionária das comunidades cristãs e que abra pistas concretas de presença e de serviço profético.

Há mais de um ano, a humanidade vive sob o espectro da pandemia do COVID 19, que já ceifou milhões de vidas humanas, colapsou sistemas hospitalares e de saúde, obrigou populações a adotar medidas extremas de prevenção para evitar o contágio, quebrou economias, expos massas populares ao relento e a necessidades de todo tipo, interrompeu o funcionamento de escolas, comércios, atividades culturais, esportivas, religiosas etc.

Por outro lado, essa estranha situação representou uma oportunidade para retomar dimensões e valores da vida que andavam meio esquecidos, particularmente, em nível de relações familiares, de cuidado com a vida, de alternativas criativas nos negócios, nas tarefas, nas artes, na cultura, na comunicação interativa etc.

“O dia em que a terra parou” profetizava Raul Seixas nos anos ‘80. Mas não foi só um dia: a pandemia parou a máquina do mundo moderno durante um ano inteiro, e não promete sua retomada tão cedo, sem dúvida, não na mesma forma. A pandemia não foi um evento ocasional, extraordinário e inesperado: é fruto da pressão exercida pelo estilo de vida capitalista sobre o planeta, que permite o surgimento de novos vírus, pragas, doenças, calamidades, como reação da própria natureza à espoliação e ao ritmo absurdo imprimido pelo homo sapiens.

Junto a essa terrível conjuntura, que assume nestes dias em que estamos escrevendo seus picos mais dramáticos, acrescenta-se a política negacionista das nossas respectivas nações (Brasil e México) perpetradas por mandatários autoritários, nefastos e irresponsáveis, eleitos democraticamente. Preocupa-nos há algum tempo a virada à direita, nostálgica, nacionalista e antidemocrática das populações no mundo todo: um fenômeno que merece ser analisado, porque tem a ver com o momento de depressão e de falta de perspectivas que a humanidade está vivendo.

O negacionismo oferece um ar de naturalidade a tudo o que está acontecendo: “não é nada de mais”, “as pessoas morrem da mesma forma”, “é a vida”, “é só uma gripezinha”, “tem a cloroquina”, “é muito mimimi”, “é culpa da imprensa” etc. Essa visão encontra na religião alienante, mágica e desencarnada sua perfeita aliada para justificar um estado de exceção, um pacote de mentiras para manipular pessoas desprevenidas, uma ideologia para sustentar o integralismo autoritário, violento e intervencionista.

Jamais teríamos pensado chegar ao ponto em que chegamos. A situação precipitou não somente pela atuação de parte do mundo evangélico – é imprescindível sublinhar esse “de parte” – mas também, e com um certo peso, por amplo setores do mun-

do católico, incluindo leigos, religiosos/as, presbíteros e bispos. Muitas das nossas comunidades, é bom que se diga, se tornaram nichos fascistas graças a presença de movimentos como a Renovação Carismática Católica e seus gurus, que não tiveram nenhum escrúpulos de se posicionar politicamente com a extrema direita, sua ideologia e suas mentiras inclusive fazendo propaganda fora e dentro das igrejas.

O que aconteceu com a nossa missão evangelizadora nessa reviravolta antidemocrática e anti-evangélica? Como se posicionar diante desta conjuntura radicalizada procurando manter a fidelidade à autenticidade do Evangelho? Entre uma ruptura profética fiel à prática jesuana, e uma postura dialógica que costura laços de fraternidade com todos, qual tensão deve existir? Quais caminhos a missão deverá trilhar para sair da acomodação e não se conformar com esse estado de coisas? E, particularmente, de que maneira a nossa missão se torna realmente um caminho de esperança?

Por ocasião do nosso 9º Encontro do CEMLA, realizado online de 8 a 12 de março de 2021, procuramos abordar essas questões a partir de diferentes pontos de vista. Estavam presentes Rafael López Villaseñor, Estêvão Raschiatti e Elisabete Miguel Espinhara das Regiões Xaverianas do Brasil Sul; Francisco Xavier Martínez Rodrigo, Pedro Saúl Ruíz Alvares e Tea Frigerio do Brasil Norte; Gerardo Custodio López, Elisa Silva e Jorge Alvarado do México.

Debatemos e apresentamos seis textos que elaboramos ao longo do ano de 2020. Os primeiros três tratam diretamente sobre os temas do fundamentalismo, do negacionismo e da conexão entre religião e política nas conjunturas emergentes da América Latina. Os outros três, no entanto, se concentram na questão de gênero, assunto que está intimamente relacionado ao primeiro, resgatando perspectivas bíblicas, históricas e pastorais do protagonismo das mulheres num mundo e numas lutas fortemente marcadas por um patriarcalismo integralista. Essa aproximação representa um dos mais significativos sinais da ousadia da esperança que estão brotando no meio de tanto desconcerto.

No primeiro texto, Rafael López examina o peso da atuação de grupos religiosos evangélicos e católicos conservadores na eleição presidencial de 2018, sobretudo nas redes sociais através de fake news como nova modalidade de mentira direcionada a lesar a imagem do adversário e o direito do público de ter acesso à verdade dos fatos, além de disseminar ódio, atingindo o emocional das pessoas. A plataforma que elegeu e sustenta Jair Bolsonaro na presidência é fundamentalmente constituída por um sistema de inverdade cinicamente elaborado que dispara mensagens, declarações, opiniões, com o intento de manipular milhões de usuários.

Em seguida, o texto de Estêvão Raschiatti aprofunda o fenômeno Bolsonaro apresentando a complexidade da figura e do enredo, a adesão das massas populares em sua ascensão a Presidente da República e a consequente ação missionária num clima dominado por visões de extrema direita. Não é simples encontrar razões e respostas no meio de tanto desconcerto: é possível, porém, traçar algumas linhas de sentido tanto em termos de análise sociocultural, como também de atitudes e posturas pastorais.

Geraldo Custodio, por sua vez, aborda o desvio causado pelo fundamentalismo integrista na maneira de entender Deus, a religião, a transcendência como algo distinto da história da humanidade e não como transformador. É preciso reencontrar a relevância existencial originária do Deus de Jesus, de sua mensagem, particularmente, da instituição da eucaristia, para que se supere a ruptura entre mundo e Reino, e se retome o sentido profético de gestos e palavras ainda atreladas a estruturas e releituras do passado.

O segundo bloco de ensaios, se debruça sobre o tema do gênero e do protagonismo da mulher na história, nas lutas populares e na Igreja. Tea Frigerio retoma a mensagem de Paulo sobre a mulher, muitas vezes utilizada pelas igrejas como argumento para a sua inferioridade e submissão. Na realidade, o autêntico material paulino promove a superação das diferenças entre etnia, classe e gênero, para sermos “todos um em Cristo” (Gl 3,28). Parece, porém, que a igualdade entre homem e a mulher não vingou na tradição

eclesial, recompactada dentro do patriarcalismo imperial. Urge resgatar a memória silenciada do primeiro movimento cristão.

Do ponto de vista histórico, temos o texto da Elisa Silva sobre o papel da mulher na Contrarrevolução Cristera no México (1926-1929), um assunto esquecido e não valorizado pela literatura oficial, mas repleto de heroísmo e sacrifício. A Guerra Cristera trouxe uma mudança importante para a participação das mulheres nas lutas populares, não apenas como complemento subordinado à ação dos homens, mas em qualidade de sujeito capaz de organização, atuação e motivação própria.

Enfim, o artigo da Beth Espinhara fala sobre o florescer da liderança da mulher na sociedade e na Igreja. Temos exemplos de mulheres bem-sucedidas no empreendedorismo que podem inspirar caminhos para um protagonismo mais decidido das mulheres na Igreja. Trata-se de uma mudança de paradigma que traz consigo novas compreensões acerca da identidade da Igreja, de suas relações de poder, de sua ministerialidade e de sua missão.

Concluimos nosso encontro on-line com uma breve avaliação, positiva no seu conjunto, apesar das sérias limitações impostas pela nova modalidade. Trabalhamos individualmente na leitura e avaliação dos textos na parte de manhã, abrindo a discussão à tarde durante duas horas todos os dias. Essa experiência levou a não dispensar de forma alguma o encontro presencial, mas também a considerar a possibilidade de participações híbridas (on-line/presenciais) nas próximas ocasiões.

Marcamos o nosso próximo CEMLA de 7 a 11 de março de 2022, novamente em Mazatlan (México), se até lá estivermos vacinados/as e se a conjuntura pandêmica permitir. O tema a ser trabalhado e discutido será “Missão e sinodalidade”, sempre na ótica decolonial que caracteriza a noção e a prática da missão a partir da América Latina.

Belém, Curitiba, Guadalajara, Mazatlan,
São Paulo, 12 de março de 2021